

VALORAÇÃO – A LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO E DA PERSPECTIVA*

Peter White**

Resumo: Este artigo apresenta um esboço do modelo proposto pela abordagem da valoração de alguns dos recursos-chave da avaliação e da perspectiva. Em sua taxonomia dos valores da Atitude, o modelo fornece uma descrição das opções disponíveis para construirmos diferentes tipos de avaliações positivas e negativas. Em sua noção de Atitude direta versus Atitude implícita, o modelo descreve as opções disponíveis para ativarmos essas avaliações. Através de sua descrição dos recursos de Engajamento, o modelo oferece uma abordagem que permite explorar as formas como a voz textual se posiciona em relação a essas avaliações, numa abordagem que permite caracterizar as diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis para a voz textual. Devo enfatizar que a abordagem descrita neste artigo é resultado de um projeto de pesquisa em andamento, e é quase certo que sofrerá mudanças nos anos futuros.

Palavras-chave: valoração; avaliação; atitude; julgamento; engajamento.

1 INTRODUÇÃO

A valoração é uma abordagem utilizada para analisar a avaliação e a perspectiva em textos. Essa abordagem surgiu a partir da lingüística sistêmica funcional (veja, por exemplo, HALLIDAY, 1985/1994; MARTIN, 1992; e MATTHIESSEN, 1995), e foi estimulada, num primeiro momento, por trabalhos no campo da lingüística educacional e pelo desenvolvimento dos programas australianos de letramento baseados em gêneros textuais (veja, por exemplo, IEDEMA, FEEZ e WHITE, 1994; CHRISTIE e MARTIN, 1997; MARTIN, 2000).

A valoração apresenta técnicas para analisar, de forma sistemática, como a avaliação e a perspectiva operam em textos completos e em grupos de textos de qualquer registro. A abordagem está interessada nas funções sociais desses recursos, não simplesmente como formas através das quais falantes/escritores individuais expressam seus sentimentos e posições, mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão.

* **N. das Orgs:** Este artigo foi originalmente publicado em inglês In: VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, J.; BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (Eds.). **The handbook of pragmatics**. Amsterdam; Filadélfia: John Benjamins Publishing Co, 2002. p. 1-27. [Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo]

Uma gama de interesses e questões analíticas tem moldado o desenvolvimento da valoração na última década. Entretanto, podemos destacar três ou quatro dessas questões como as de maior influência.

No final dos anos 1980, um grupo de lingüistas funcionais na Austrália estava investigando modos de narrativa, em busca de critérios que permitissem articular uma taxonomia de sub-tipos narrativos. Eles notaram, por exemplo, que aquilo que chamavam de ‘anedota’ (PLUM, 1988; MARTIN e PLUM, 1997) apresentava uma orientação distintamente avaliativa, uma vez que procurava evocar uma reação emocional compartilhada entre narrador e público. Isso diferia do que eles chamavam de ‘*Exemplum*’, um sub-tipo que envolve avaliações de agentes humanos em termos de moralidade, valor social e aceitabilidade social. Ao mesmo tempo, o grupo estava interessado em investigar uma disparidade observada entre a abordagem de produção de ensaios sobre literatura inglesa adotada por muitos alunos do ensino médio nas escolas de New South Wales (Austrália), e o que os professores esperavam encontrar nesses ensaios. Os alunos se concentravam basicamente em descrever o que sentiam em relação aos personagens, ou aos argumentos, ou aos textos como um todo, enquanto que os professores esperam que os alunos discorressem sobre os insights que os textos ofereciam a respeito da ordem moral e da condição humana (ROTHERY e STENGLIN, 1997, 2000). No início dos anos 1990, outros membros do grupo voltaram sua atenção para a forma como o estilo, no discurso jornalístico, variava de acordo com a posição do autor: repórter geral, correspondente ou comentarista. Eles notaram que os diferentes ‘estilos’ ou ‘vozes’ estavam associados a certas combinações de diferentes tipos de valoração, e de escolhas de recursos existentes que expressam avaliação e perspectiva (IEDEMA et al., 1994; MARTIN, 2002). Isso gerou um interesse no papel mais amplo que essas escolhas desempenham na construção discursiva da persona autoral/do falante, e na forma como os textos constroem um público leitor ‘ideal’ ou ‘preferencial’ (por exemplo, FULLER, 1998; WHITE, 2000; KÖRNER, 2001; WHITE, 2003).

Duas questões centrais perpassam todos esses projetos. A primeira diz respeito à natureza da atitude, à forma como os textos ativam avaliações positivas e negativas. A segunda diz respeito à forma como os textos assumem uma posição em relação a essas avaliações e a significados avaliativos similares, à forma como essas avaliações e significados são negociados intersubjetivamente. As respostas que os membros do grupo australiano ofereceram para essas questões deram à abordagem da valoração sua forma atual. De modo semelhante, minhas considerações abaixo estão organizados em torno dessas duas questões principais.

2 VISÃO PANORÂMICA

2.1 Atitude – a ativação de posicionamentos positivos e negativos

Em seus trabalhos iniciais sobre avaliação em narrativas e em textos escritos por alunos, o grupo utilizou a já bem estabelecida tradição de pesquisa sobre a linguagem de afeto, uma tradição que foi exemplificada por uma edição especial (1989) do *Text*, dedicada “ao potencial da linguagem para expressar diferentes emoções e graus de intensidade emocional” (OCHS, 1989, p. 1). O grupo compartilhava com essa tradição a noção de que a emoção está ligada, de forma fundamental, à avaliação de atitudes e à ativação, pelos textos, de pontos de vista positivos e negativos. Entretanto, o grupo distanciou-se dessa tradição uma vez que considera que o afeto, em seu significado mais geral, não deve ser ligado de forma tão próxima à emoção, e que é necessário identificar formas adicionais de expressar significados afetivos ou atitudinais. (Veja, por exemplo, MARTIN, 1997 e MARTIN, 2000). A abordagem da valoração, em particular, propõe que os significados atitudinais (avaliações positivas e negativas) podem ser agrupados em três grandes campos semânticos.

2.1.1 Afeto

Primeiro, existem certos significados fundamentalmente atitudinais associados à emoção – os textos indicam visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais do falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros. Por exemplo (os valores de afeto estão sublinhados):

Estou desapontado e envergonhado com o fato de que dois de nossos mais admirados e respeitados esportistas tenham se comportado dessa maneira. Jogar pelo seu país é uma honra e um privilégio, não um direito.

O tradicional termo ‘Afeto’ tem sido usado como um rótulo para tais significados.

2.1.2 Julgamento

Segundo, existem significados que indicam uma visão da aceitabilidade social do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita através de referências a algum sistema de normas sociais. Por exemplo,

Os escolhidos para representar a Austrália deveriam não só ser talentosos, mas deveriam estar acima da crítica. Espera-se que a prática do esporte

ensine honra, fair play, trabalho em equipe, liderança e habilidades sociais.
O esporte não deve “criar” ou apoiar a ganância e os egos.

O termo ‘Julgamento’ foi adotado como forma de referir-se a esse tipo de significados.

2.1.3 Apreciação

Terceiro, existem significados utilizados para fazer avaliações de fenômenos semióticos e naturais através de referências a seu valor num determinado campo, talvez de forma mais típica referindo-se às suas qualidades estéticas.

Ele [o Jaguar tipo-E] é uma obra prima do estilo, com proporções dramáticas, porém perfeitamente calculadas e bem-elaboradas; seus detalhes aerodinâmicos estão em perfeita harmonia com os contornos de seu fabuloso arranjo geral...

O termo ‘Apreciação’ foi adotado para referir-se a esse tipo de significados.

2.1.4 Modos de ativação – direto e implícito

A abordagem faz uma distinção em termos de como esses significados são ativados nos textos. Da forma mais simples, eles podem ser ativados através de termos atitudinais explícitos, termos que geralmente carregam um significado negativo ou positivo. Por exemplo,

Sem a intervenção de uma Suprema Corte parcial, de direita, para garantir a eleição de um Republicano, o sr. Bush seria hoje um perdedor esquecido. [O jornal] *the Observer* considera essa eleição uma afronta ao princípio democrático, com conseqüências incalculáveis para a América e para o mundo. (*The Observer*, Jan 21, 2001 – editorial)

Mais problemáticas, são as ativações que dependem de implicações e inferências, nas quais espera-se que o leitor/ouvinte interprete os eventos descritos ou o estado de coisas como positivo ou negativo, de acordo com o sistema de valores que eles trazem para o texto. Por exemplo,

George W. Bush fez seu discurso de posse como o presidente dos Estados Unidos que recebeu 537.000 votos a menos que seu oponente. (*The Observer*, Jan 21, 2001 – editorial)

Aqui, uma descrição essencialmente ‘factual’ posiciona o leitor para uma avaliação negativa de Bush e/ou do processo eleitoral americano, e obviamente tem o potencial de ativar essa avaliação, dependendo, é claro, do ponto de vista que cada leitor traz para o texto. A sentença, entretanto, não contém valores avaliativos explícitos, nem significados que transmitam, em si, avaliações negativas.

Está claro que essas valorações ‘implícitas’ levantam sérios problemas teóricos e analíticos. Ao passarmos da ativação direta para a indireta, saímos do que certas tradições anglo-americanas vêem como ‘semântica’ para entrar no que elas consideram ‘pragmática’, ou seja, passamos de significados vistos como inscritos no texto para significados vistos como operando apenas no contexto. Dessa forma, aqueles que trabalham com noções analíticas filosóficas da ‘semântica’ podem querer excluir essas formulações de tratamentos da ‘linguagem avaliativa’, argumentando que não há nada na linguagem em si que seja atitudinal. Embora essa interpretação possa parecer atraente na medida em que evitaria complicações e produziria análises textuais mais facilmente replicáveis, isso significaria que grande parte do trabalho avaliativo feito pelos textos seria simplesmente ignorado. Esse tipo de análise não somente seria incapaz de lidar com o papel da avaliação implícita em geral, como também não levaria em conta a interação, muitas vezes crucial em termos retóricos, entre avaliações diretas e indiretas. (Para uma demonstração de como a análise da valoração pode ser usada para investigar essa interação, veja COFFIN, 1997.) Na abordagem da valoração, portanto, consideramos que essas formulações se encaixam perfeitamente no escopo das análises lingüísticas dos efeitos avaliativos.

Nesse sentido, a abordagem se alinha com o trabalho de autores como Gruber (1993) e Malrieu. (1999). Gruber, por exemplo, inclui em sua taxonomia de ‘Unidades Avaliativas’ o uso de citações diretas que provavelmente serão vistas pelo leitor como evidências das limitações éticas da fonte citada. Embora a fonte citada possa não ser avaliada de forma direta, ainda assim o uso de suas próprias palavras desempenha uma clara função avaliativa. Malrieu fornece, talvez, argumentos ainda mais fortes, alegando que quando as expressões são consideradas em seu próprio contexto textual, “é difícil pensar em qualquer frase que não contenha avaliação. Dentro de um contexto, até mesmo advérbios e complementos como ‘sempre’ e ‘com uma faca’ são avaliativos” (op. cit., p. 134).

2.1.5 Critérios tipológicos

O critério exato que sustenta essa taxonomia de três partes continua sendo uma questão central para o atual projeto de análise da valoração. A distinção entre Afeto e as duas outras categorias (Julgamento e Apreciação) é relativamente problemática. A semântica do Afeto envolve significados que são tipicamente construídos através de um processo verbal realizado ou vivenciado por um participante humano consciente – os Processos Mentais reacionais da lingüística sistêmica funcional (HALLIDAY 1994) – *Sua atitude me incomoda, eu abomino violência*. Mas esse modo canônico de realização não se aplica ao Julgamento e à Apreciação, e o quadro se torna ainda mais problemático pelo fato de que todas as três categorias apresentam realizações diversas como, por exemplo, adjetivos (*líder adorado* [afeto], *líder corrupto* [julgamento], *belo homem* [apreciação]), advérbios (*apaixonadamente; lindamente; de forma corrupta*), substantivos (*seu amor por; tirano; obra prima*), e verbos (*eu adoro música de gaita de foles; ele corrompeu o processo político*).

Nesse ponto surgem evidências sugerindo que as distinções são refletidas nos padrões de estruturas de colocação¹. Sabemos, por exemplo, que a estrutura “Foi X-valor de Julgamento da parte de Y fazer...” expressa valores de Julgamento, mas não valores de Apreciação. Assim, “Foi uma desconsideração de sua parte deixar o gato na chuva” é possível, mas não “Foi elegante de sua parte usar aquela roupa”. De forma similar, quando termos como “bonito” funcionam como Apreciação, a estrutura “Foi X da parte de Y fazer...” não é aceitável (“Foi bonito de sua parte usar seu cabelo daquele jeito”), mas quando eles assumem a função de Julgamento a estrutura se torna possível (“Foi bonito de sua parte ajudar aqueles meninos de rua”.) Entretanto, precisamos de mais investigações nessa área. Neste estágio a taxonomia de três partes está sendo proposta como uma hipótese sobre a organização dos significados relevantes, e está sendo apresentada como um ponto de comparação para outros pesquisadores que tenham classificações alternativas, como um recurso para aqueles que necessitam de algo que lhes ajude a lidar com a avaliação no discurso, e como um desafio para quem está interessado no desenvolvimento de raciocínios apropriados.

2.1.6 A inter-relação entre os modos atitudinais

Devemos enfatizar, entretanto, que embora essa abordagem procure expandir as noções estabelecidas do ‘afetivo’, ela ainda considera as três categorias como fundamentalmente interligadas na medida em que todas tem a ver com a expressão

¹ Hunston e Sinclair (2000) apresentam um trabalho mais geral sobre avaliação e estruturas de colocação.

de ‘sentimentos’. A diferença é que a fundamentação desses sentimentos varia ao longo dos três modos. No Afeto, a ação da emoção é indicada de forma direta – os sentimentos são apresentados como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo. Mas no que diz respeito tanto ao Julgamento quanto à Apreciação, esses sentimentos são de alguma forma institucionalizados e rerepresentados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si. Assim, “Eu gosto daquele quadro” ancora a avaliação nas reações momentâneas e individuais do falante, enquanto que “Aquele é um belo quadro” ancora a avaliação nas propriedades ‘objetivas’ do fenômeno avaliado em si. No caso do Julgamento, os sentimentos são reconstruídos como propostas sobre a forma correta de comportamento – como deveríamos ou como não deveríamos nos comportar. Assim, em “Ele foi cruel ao deixar o gato na chuva”, o sentimento negativo em relação ao agente deste ato é reconstruído como uma proposta sobre quais são as formas corretas e incorretas de se tratar um gato. No caso da Apreciação, os sentimentos são reconstruídos como proposições sobre o valor das coisas. Assim, em “Aquele é um belo quadro”, o sentimento positivo em relação ao quadro é rerepresentado como uma proposta sobre o valor estético da obra. (Para uma discussão sobre a mudança evolutiva nas crianças do Afeto para o Julgamento e a Apreciação, veja PAINTER, 2003. Para uma discussão mais ampla sobre o Julgamento e a Apreciação como formas institucionalizadas de sentimentos, veja MARTIN, 2000). O papel central do Afeto em formas institucionalizadas de sentimentos é demonstrado de forma diagramática abaixo.

Sentimentos institucionalizados como

ética/moralidade (regras & regulamentos)



Sentimentos institucionalizados como
estética/valor (critérios e avaliação)

Figura – Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado (MARTIN, 2000).

2.2 Perspectiva intersubjetiva

Em sua descrição dos recursos utilizados para expressar a perspectiva intersubjetiva, a abordagem está interessada em formulações que tradicionalmente foram analisadas dentro de categorias como modalidade (veja, por exemplo, PALMER, 1986), polaridade (veja, por exemplo, PAGANO, 1994), evidencialidade (CHAFE e NICHOLS, 1986), atenuadores/intensificadores (MARKKANEN e SCHRÖDER, 1997; HYLAND, 1996; MYERS, 1989; MEYER, 1997), linguagem vaga (CHANNELL, 1994), intensificação (LABOV, 1984), e meta-discurso (CRISMORE, 1989). Na abordagem da valoração, esses termos léxico-gramaticais diversos foram unificados com base na premissa de que todos eles são recursos que alteram o grau de engajamento do falante com suas propostas e proposições, e que modificam o que está em jogo em termos interpessoais, tanto em enunciados individuais quanto no texto como um todo. Esses recursos de perspectiva intersubjetiva são divididos em duas categorias gerais - (a) recursos através dos quais a voz textual posiciona a proposição em curso em relação a alternativas reais ou potenciais (rotulados Engajamento), e (b) recursos que criam gradações ou escalas (rotulados Gradação), tanto em termos do grau de investimento pessoal da voz textual na proposição (intensificadores/minimizadores), quanto em termos das escolhas que a voz textual faz com relação à precisão do foco de suas formulações. Devido a limitações de espaço, neste trabalho considerarei somente o Engajamento. (Para uma descrição completa do Engajamento e da Gradação, veja Martin e White, no prelo).

A explicação da funcionalidade intersubjetiva desses valores de Engajamento é baseada na influente noção bakhtiniana de dialogismo e heteroglossia, segundo a qual toda forma de comunicação verbal, seja ela escrita ou falada, é 'dialógica' na medida em que falar ou escrever significa referir-se a, ou retomar de alguma forma, o que já foi dito/escrito, e simultaneamente antecipar as respostas de leitores/ouvintes reais, potenciais ou imaginados. Como afirma Voloshinov,

A realidade presente da linguagem-fala não é o sistema abstrato de formas lingüísticas, nem o enunciado monológico isolado, nem o ato psicológico de sua implementação, mas o evento social da interação verbal implementada num enunciado ou enunciados.

Assim, a interação verbal é a realidade básica da linguagem.

O diálogo... também pode ser entendido num sentido mais amplo, significando não só a comunicação direta, face a face, vocalizada, entre

peessoas, mas também toda comunicação verbal de qualquer natureza. Um livro, i.e. uma performance verbal impressa, também é um elemento de comunicação verbal. ... [Ele] inevitavelmente se orienta em relação a performances anteriores na mesma esfera... Assim, a performance verbal impressa provoca, de certa forma, um colóquio ideológico de larga escala: ela responde a algo, afirma algo, antecipa possíveis respostas e objeções, busca apoio, e assim por diante. (VOLOSHINOV, 1995, p. 139)

A linha adotada pela abordagem da valoração afirma que a funcionalidade desses recursos só pode ser adequadamente explicada quando os efeitos dialógicos são levados em consideração. Isto é, acreditamos que através do uso de palavras/expressões como *'possivelmente'*, *'Afirmo que...'*, *'naturalmente'*, *'supostamente'*, *'Penso que...'*, a voz textual age, antes de mais nada, no sentido de engajar-se e alinhar-se em relação a outras vozes e posições que são, de certa forma, alternativas à posição que está sendo defendida pelo texto.

Nesse sentido, a abordagem da valoração se distancia de grande parte da literatura sobre modalidade e evidencialidade (veja, por exemplo, LYONS, 1977; PALMER, 1986; ou CHAFE e NICHOLS, 1986), e de pelo menos parte da literatura sobre atenuadores (veja MARKKANEN e SCHRÖDER, 1997), nas quais a descrição de marcadores de modalidade epistêmica e de recursos similares, por exemplo, freqüentemente parte do princípio que a única função dessas palavras/expressões é revelar o estado mental ou o conhecimento do escritor/falante, ou indicar que o escritor/falante está indeciso, e não se compromete com o valor de verdade da proposição apresentada.

3 AVALIAÇÃO ATTUDINAL – UM BREVE ESBOÇO

3.1 Afeto

A abordagem da valoração preocupa-se em mapear os domínios semânticos que operam no discurso. Dessa forma, as categorizações utilizadas freqüentemente reúnem estruturas gramaticais diversas dentro um único grupo semântico discursivo. O Afeto é típico nesse sentido – seus valores algumas vezes são expressos na forma de qualidades (adjetivos – “Estou feliz com isso”), outras na forma de processos (verbos – “Isso me agrada”), e outras ainda na forma de comentários adjuntos. Eles também podem ser realizados como entidades virtuais (substantivos) através de nominalizações – e.g. “felicidade”.

Seguindo Martin 1997 e Martin 2000, a abordagem da valoração classifica os diferentes exemplos de afeto de acordo com os seguintes 6 fatores:

i. Os sentimentos são construídos pela cultura popular como positivos (agradáveis) ou negativos (desagradáveis)?

ii. Os sentimentos são representados como uma onda de emoção envolvendo algum tipo de manifestação paralingüística ou extralingüística (por exemplo, choro ou tremores), ou são representados como experiências internas, na forma de um estado emotivo ou de um processo mental em andamento?

* onda comportamental *Ela rompeu em choro.*

* processo/estado mental *Ela estava desesperada.*

iii. Os sentimentos são representados como voltados para, ou resultado de, algo específico, como direcionados a, ou como resultado de, algum estímulo emocional específico, ou como um estado de espírito geral?

* reação a um estímulo *A ausência da mãe a está deixando triste.*

* estado de espírito indireto *Ela está triste.*

iv. Onde colocaríamos os sentimentos, numa escala de baixa a alta intensidade?

* baixa *Eu não gosto de música de gaita de foles.*

* média *Eu detesto música de gaita de foles.*

* alta *Eu abomino música de gaita de foles.*

v. Os sentimentos envolvem intenção (ao invés de reação) com relação a um estímulo ainda não realizado (irrealis), em oposição a um estímulo já realizado (realis)?

* realis *Estou chateado com o que ela disse.*

* irrealis *Tenho medo do que ela possa dizer.*

vi. Por fim, as emoções podem ser reunidas em três grandes grupos ligados à in/felicidade, in/segurança e in/satisfação. A variável in/felicidade cobre as emoções ligadas aos 'assuntos do coração' – tristeza, raiva, felicidade e amor; a variável in/segurança cobre as emoções ligadas ao bem-estar eco-social – ansiedade, medo, e confiança; a variável in/satisfação cobre as emoções

ligadas ao *telos* (a busca de objetivos) – tédio, desprazer, curiosidade, respeito.

* in/felicidade *Estou triste.*

* in/segurança *Estou ansiosa.*

3.2 Julgamento: um esboço

O julgamento é o campo de significados através dos quais construímos nossas posições em relação ao comportamento humano – aprovação/condenação do comportamento humano através de referências à aceitabilidade e às normas sociais; avaliações do caráter de alguém, ou do quanto essa pessoa se aproxima das expectativas e exigências sociais. A abordagem divide esses Julgamentos em dois grupos: aqueles que lidam com a estima social, e aqueles orientados para as sanções sociais. Os Julgamentos de sanção social envolvem a afirmação de que alguns conjuntos de regras ou regulamentos, codificados de forma mais ou menos explícita pela cultura, estão em jogo. Essas regras podem ser morais ou legais, portanto os julgamentos de sanção social envolvem questões de legalidade e moralidade. Da perspectiva religiosa, as quebras de sanções sociais são vistas como pecados, e na tradição cristã ocidental, como pecados ‘mortais’. Da perspectiva jurídica, elas são vistas como crimes. Assim, romper uma sanção social significa correr o risco de receber punições legais ou religiosas, daí o termo ‘sanção’. Os Julgamentos de estima social envolvem avaliações que podem levar o indivíduo a ser elevado ou rebaixado na estima de sua comunidade, mas que não possuem implicações legais ou morais. Dessa forma, valores negativos em termos de estima social são vistos como disfuncionais ou inapropriados, ou algo que deve ser desencorajado, mas não são avaliados como pecados ou crimes. (Se você desrespeitar sanções sociais, você pode precisar de um advogado ou de um confessor, mas se você desrespeitar a estima social, talvez você tenha que fazer um esforço maior, ou praticar mais, ou consultar um terapeuta, ou possivelmente um livro de auto-ajuda.)

Os Julgamentos de estima social podem estar ligados à normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado ele é). Os Julgamentos de sanção social têm a ver com a veracidade (quão sincero alguém é) e a propriedade (quão ético ele é). Por exemplo:

Tipicamente, a estima social corre mais riscos na cultura oral, onde seus valores são policiados através de tipos discursivos como a fofoca, as piadas, e vários sub-tipos de narrativa. (Sobre o papel da estima social na fofoca, veja EGGINS e SLADE, 1997). É através dos valores compartilhados da estima social que as redes sociais do dia-a-dia, como a família e a amizade, são formadas. Em contraste, as sanções sociais são codificadas através de leis, regulamentos e normas produzidas por instituições de grande poder social, como o governo, o sistema jurídico e a igreja. As sanções sociais são implementadas através de penalidades e punições institucionalizadas, e são naturalizadas através das noções de moralidade, honra e religiosidade. Os valores compartilhados das sanções sociais sustentam o dever cívico e a obediência religiosa.

Estima social	Positiva [admiração]	Negativa [crítica]
normalidade (costume) 'O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?'	padrão, corriqueiro, médio...; sortudo, felizardo...; elegante, avant garde...	excêntrico, estranho, dissidente...; azarado, infeliz...; cafona, fora de moda...
capacidade 'O indivíduo é capaz, competente?'	habilidoso, inteligente, engenhoso...; atlético, forte, poderoso...; lúcido, centrado...	burro, lento, simplório...; desajeitado, fraco, sem coordenação...; insano, neurótico...
tenacidade (resolução) 'O indivíduo é confiável, bem disposto?'	corajoso, valente, heróico...; confiável, responsável...; incansável, decidido, perseverante	covarde, impetuoso, cabisbaixo...; pouco confiável, irresponsável...; distraído, preguiçoso, dispersivo...

Sanção Social	Positiva [elogio]	Negativa [condenação]
Veracidade (verdade) 'O indivíduo é honesto?'	honesto, sincero, verdadeiro...; autêntico, genuíno...; franco, direto...	falso, desonesto...; impostor, falso...; enganador, enrolador...
Propriedade (ética) 'O indivíduo é ético, acima da crítica?'	bom, virtuoso...; respeitador das leis, justo...; carinhoso, sensível, respeitoso...	mau, imoral, lascivo...; corrupto, injusto...; cruel, mesquinho, bruto, opressor...

Figura – Julgamento (baseado em IEDEMA, FEEZ e WHITE, 1994)².

Na abordagem da valoração, a taxonomia de cinco partes descrita acima (normalidade, capacidade, tenacidade, veracidade, propriedade) está calcada na semântica da modalização, articulada por Halliday (1994). Isto é, cada uma das subcategorias de Julgamento pode ser entendida como uma lexicalização de uma das categorias

² É importante lembrar que as listas de termos na coluna da direita servem apenas como guia para os tipos de significados envolvidos aqui, e não como uma espécie de dicionário de sub-tipos de Julgamento.

gramaticais da modalidade. Essa relação opera nas seguintes proporções: a normalidade está para a usualidade; a capacidade está para a habilidade; a tenacidade está para a inclinação; a veracidade está para a probabilidade; e a propriedade está para a obrigação. Nos primeiros trabalhos sobre Julgamento (IEDEMA et al., 1994), os rótulos dos cinco sub-tipos eram mais próximos desses opostos modais, como podemos ver na figura abaixo (destino para normalidade; resolução para tenacidade; verdade para veracidade; ética para propriedade).



A ponte entre as opções modais subjacentes e as categorias lexicais de Julgamento é fornecida pela noção hallidayana de metáfora interpessoal (HALLIDAY, 1994). No modelo de Halliday, os valores modais podem ser realizados de forma congruente (não-metabólica) através de auxiliares modais (*pode, deve, poderia, etc*) e adjuntos modais (*talvez, possivelmente, certamente*), e metaforicamente através de formulações mais lexicais como “É possível que...”, “É necessário que...”, “Eu acho que...”, etc. É possível construir uma série de realizações para os valores modais ‘epistêmicos’ de probabilidade, usualidade e capacidade começando de forma congruente (através de formulações ‘gramaticais’), passando por formulações metafóricas (mais lexicalizadas), até chegar a um léxico de natureza claramente valorativa. Dessa forma, modalizações de probabilidade podem ser relacionadas a Julgamentos lexicalizados de veracidade:

Ele é levado.

Certamente ele é levado.

É certo que ele é levado.

É verdade que ele é levado.

É verdade, mentira, fato, etc. que ele é levado.

[julgamento: veracidade]

De forma similar, a modalidade de usualidade pode ser relacionada aos julgamentos de normalidade:

Valoração - a linguagem da avaliação e da perspectiva

Ele é levado.

Ele é levado com frequência.

É comum que ele seja levado.

É normal que ele seja levado.

É normal, elegante, peculiar, estranho, etc. que ele seja levado. [julgamento: normalidade]

O mesmo se aplica à habilidade e capacidade:

Ele pode ir.

Ele é capaz de ir.

Ele é forte o suficiente para ir.

Ele é saudável, maduro, inteligente, etc. o suficiente para ir. [julgamento: capacidade]

Uma relação similar de proporcionalidade pode ser apontada entre aos valores modais deônticos (obrigação, inclinação) e os valores de Julgamento de propriedade e tenacidade. Assim, a inclinação pode ser relacionada à tenacidade expressa na forma lexical:

Eu vou.

Estou determinada a ir.

Estou decidida a ir.

Estou decidida.

Estou firme, certa, convencida, etc. da minha decisão de ir. [julgamento: tenacidade]

E a obrigação pode ser relacionada a julgamentos lexicalizados sobre propriedade:

Vá.

Você deveria ir.

Espera-se que você vá.

Seria injusto você ir.

Seria insensível, arrogante,

egoísta, grosseiro, etc. de sua parte ir. [julgamento: propriedade]

(Para uma descrição mais detalhada, veja MARTIN eWHITE no prelo)

3.3 Apreciação

Como foi indicado acima, a Apreciação é o campo dos significados usados para construir avaliações dos produtos do trabalho humano, tais como artefatos, edificações, textos e obras de arte, e também de fenômenos naturais e estados de coisas. Em termos semânticos, atribui-se a esses objetos um valor (negativo ou positivo) num dado discurso ou campo de atividade. Um dos principais sistemas utilizados para atribuir esse valor é a estética. Os sujeitos humanos também podem ser ‘apreciados’ ao invés de ‘julgados’, mas somente naqueles casos nos quais suas qualidades estéticas estão sendo discutidas, e não a aceitabilidade social de seus comportamentos.

A abordagem da valoração sub-divide a Apreciação em três tipos: avaliações que se referem a como reagimos às coisas (elas chamam nossa atenção? elas nos agradam?), sua composição (equilíbrio e complexidade), e seu valor (se elas são inovadoras, autênticas, eficazes, saudáveis, relevantes, importantes, significativas, etc.).

Apresento abaixo alguns exemplos ilustrativos.

	POSITIVO	NEGATIVO
<u>reação</u> : impacto 'Isso mexeu comigo?'	chamativo, cativante, atrativo... ; fascinante, excitante, comovente... ; animado, dramático, intenso... ; notável, surpreendente, sensacional...	sem-graça, tedioso, cansativo... ; seco, ascético, pouco atraente... ; unidimensional, previsível, monótono... ; banal, comum...
<u>reação</u> : qualidade 'Eu gostei disso?'	adorável, lindo, esplêndido... ; atraente, encantador, bem-vindo...	comum, feio, grotesco... ; repulsivo, revoltante, repelente...
<u>composição</u> : equilíbrio 'Isso me parece bem elaborado?'	equilibrado, harmonioso, unificado, simétrico, bem proporcionado... ; consistente, bem elaborado, lógico... ; bem formado, curvilíneo, longilíneo...	sem equilíbrio, discordante, irregular, torto, imperfeito... ; contraditório, desorganizado... ; mau formado, amorfo, retorcido...
<u>composição</u> : complexidade 'Isso foi difícil de entender?'	simples, puro, elegante... ; lúcido, claro, preciso... ; intrincado, rico, detalhado, preciso...	complicado, extravagante, bizantino... ; misterioso, obscuro, vago... ; simples, monolítico, simplista...
<u>valorização</u> 'Isso valeu a pena?'	penetrante, profundo... ; inovador, original, criativo... ; no tempo certo, há muito esperado, divisor de águas... ; inimitável, excepcional, único... ; autêntico, real, genuíno... ; valioso, de valor incalculável, meritório...	superficial, reducionista, insignificante... ; derivativo, convencional, prosaico... ; ultrapassado, fora de época, datado... ; feito em série, ordinário, comum... ; falso, espalhafatoso... ; sem valor, de má qualidade, caro demais...

O fato de que valores afetivos subjazem todas as três sub-categorias da Atitude (Afeto, Julgamento, Apreciação) pode ser demonstrado de forma mais óbvia nos valores reacionais da Apreciação, tais como em ‘um livro fascinante’, ‘uma música cansativa’. Esses exemplos, é claro, envolvem um léxico que poderia ser também

utilizado para expressar Afeto – ‘esse livro me fascina’, ‘essa música me cansa’. A abordagem da valoração mantém esses exemplos separados com base na noção de que há uma diferença retórica significativa em jogo na escolha entre uma avaliação ancorada nas reações emocionais de um sujeito humano específico (‘Esse livro me cansa.’) e uma externalização desse sentimento representando-o como uma característica inerente da entidade avaliada em si. Em outras palavras, consideramos importante fazer uma distinção entre construir as emoções de um sujeito humano (Afeto) e atribuir a coisas o poder de gerar essas emoções (Apreciação).

4 ENGAJAMENTO: UMA VISÃO PANORÂMICA

Como indiquei anteriormente, o tratamento dado aos recursos de posicionamento subjetivo dentro da abordagem da valoração tem como base a noção de que todos os enunciados verbais são, em última análise, dialógicos. Para ilustrar este estilo, considerarei de forma breve a funcionalidade da oração “há uma discussão, não há”, retirada do seguinte extrato de uma entrevista de rádio. O entrevistador questiona o então Primeiro Ministro conservador australiano, John Howard, sobre o comportamento dos bancos australianos ao aumentarem as taxas de juros num período em que estavam tendo lucros recordes.

Há uma discussão, não há, de que os bancos foram meio gananciosos, quero dizer, os lucros estão altos e isso é bom para eles, eles têm o direito de ter altos lucros, mas ao mesmo tempo as taxas estão se aproximando de um nível insuportável no momento.

Há, é claro, um aspecto dialógico retrospectivo no uso dessa oração. O entrevistador se apresenta como alguém que está simplesmente utilizando as palavras de um outro grupo anterior e não-especificado de falantes. Mas há outras coisas acontecendo aqui em relação à forma como o texto reconhece, e assim se engaja com, alternativas potenciais para a proposição que está sendo apresentada. Através dessa estratégia, o entrevistador indica que essa é uma avaliação contestada e questionada do comportamento dos bancos – ele reconhece que essa é apenas uma das posições correntes sobre o tema dentro da comunidade. Assim, ele indica, ou antecipa, que pelo menos alguns elementos da comunidade irão fazer objeções e desafiar a sugestão apresentada. Ao apresentar a proposição como algo ‘discutível’, ele indica que não está comprometido pessoalmente com ela, e assim sinaliza sua

disposição para debater o assunto. Nesse sentido, portanto, a formulação pode ser vista como um exemplo de antecipação dialógica.

Segundo a abordagem da valoração, as seguintes opções (que podem estar presentes de forma múltipla num único enunciado) permitem que a voz textual varie os termos de seu engajamento com vozes e posições alternativas.

Refutar – a voz textual se posiciona contrariamente a, ou rejeita, uma posição oposta:

- (negar) negação
- (contrapor) concessão/ contra expectativa

Declarar – ao apresentar a proposição como altamente plausível (forte, válida, crível, bem-embasada, aceita por muitos, confiável, etc.), a voz textual se opõe a, suprime ou descarta posições alternativas:

- (concordar) *naturalmente...*, *é claro...*, *obviamente...*, *supostamente...*, etc.; alguns tipos de perguntas ‘retóricas’
- (declarar) *Eu afirmo...*, *a verdade é que...*, *não há dúvida que...*, etc.
- (endossar) *X demonstrou que...*; *X convincentemente argumentou que...*; etc.

Considerar – ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual e incidental textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis – e assim considera ou invoca essas alternativas dialógicas:

- *parece que; as evidências sugerem que; aparentemente; ouvi dizer que*
- *talvez, provavelmente, pode ser, é possível, pode/deve*; alguns tipos de perguntas retóricas.

Atribuir – ao ancorar a proposição na subjetividade de uma voz externa, a voz textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis – e assim supõe ou invoca essas alternativas dialógicas:

- (reconhecer) *X disse que...*; *X acredita que...*; *de acordo com X*; *na opinião de X*
- (distanciar) *X alega que; o mito que...*; *correm rumores que*

5 CONTRAÇÃO E EXPANSÃO DIALÓGICA

Assim, considera-se que essas várias opções permitem variações de perspectiva – elas permitem uma orientação diferente da diversidade heteroglósica na qual o texto opera. Além disso, elas são divididas em duas categorias gerais, de acordo com um amplo eixo de variação em termos de funcionalidade retórica: são caracterizadas como geradoras ou de ‘expansão dialógica’ ou de ‘contração dialógica’. A diferença está no grau no qual um enunciado, por meio de uma ou mais palavras, levanta posições e vozes dialógicas alternativas (expansão dialógica), ou, ao contrário, age no sentido de desafiar, dispersar ou restringir o escopo dessas posições ou vozes (contração dialógica).

Considere os seguintes exemplos como ilustração dessa distinção:

1. (Endossar) Follain esvazia o mito romântico de que a Máfia teria começado como grupos de homens que protegiam os pobres, no estilo Robin Hood. Ele **mostra** que a máfia surgiu no século XIX como grupos armados que protegiam os interesses dos proprietários de terras ou imóveis, donos da maior parte da Sicília. Ele também **demonstra** como a máfia construiu laços com o partido italiano Demócrata Cristão, de situação, a partir da guerra. (CoBUILD Bank of English)
2. (Distanciar) Tickner disse que, independente dos resultados, a comissão real era um desperdício de dinheiro, e que ele conduziria uma investigação paralela sobre o tema, encabeçada pela juíza Jane Matthews. Seu ataque surgiu quando as mulheres aborígenes envolvidas exigiram que uma ministra examinasse as crenças religiosas que **alegam** serem inerentes à sua luta contra a construção de uma ponte para a ilha perto de Goolwa, no sul da Austrália. (CoBUILD)

Ambos os excertos são obviamente dialógicos na medida em que fazem referência explícita a enunciados e pontos de vista de vozes externas. Entretanto, há mais em questão aqui do que uma simples atribuição, ou uma simples multiplicação de vozes. O excerto 1 é um exemplo de formulação no qual um tipo especial de verbos de relato é usado (*mostrar*; *demonstrar*) – o que pressupõe a confiabilidade da proposição atribuída e a apresenta como verdadeira, plausível ou justa. (Os verbos de relato desse tipo já foram, é claro, largamente discutidos na literatura sobre atribuição e sobre discurso direto e indireto. Veja, por exemplo, HUNSTON, 2000

ou CALDAS-COULTHARD, 1994). Através dessas formulações de ‘endosso’, a voz textual se alinha com uma voz externa que é representada como correta, conhecedora do assunto, ou de algum modo convincente em termos argumentativos, pelo menos no que diz respeito a essa proposição em particular. Ao indicar, dessa forma, um investimento pessoal maior do autor, ao trazer para a causa retórica em questão a posição de algum grupo externo forte, essas formulações se contrapõem a, ou pelo menos distanciam, posições contrárias reais ou potenciais. Isto é, elas aumentam o custo interpessoal para qualquer um que queira defender tais alternativas. Assim, no exemplo acima, ‘mostrar’ e ‘demonstrar’ indicam que a voz textual se opõe à noção alternativa desacreditada de que os membros da Máfia se comportavam ‘no estilo Robin Hood’. Esses endossos, portanto, podem ser interpretados como uma forma de ‘contração dialógica’ – eles fecham o espaço para alternativas dialógicas.

O excerto 2 tem o efeito oposto. Nele, é claro, a voz textual se distancia da proposição enquadrada pelo verbo ‘alegam’, representando-a, senão como pouco confiável, ao menos como questionável, como potencialmente aberta ao debate³. O efeito produzido é um convite, ou ao menos uma suposição, a alternativas dialógicas, o que diminui o custo interpessoal para alguém que queira apresentar tais alternativas. Assim, essas formulações de ‘distanciamento’ podem ser vistas como capazes de produzir uma expansão dialógica, de abrir o espaço dialógico para posições alternativas.

Dessa forma, na distinção entre ‘Endossar’ e ‘Distanciar’, vemos o contraste fundamental entre a contração e a expansão dialógica.

5.1 Outros recursos de expansão dialógica

Dois outros modos dialógicos se alinham com as formulações de ‘distanciamento’ ao abrirem espaço para alternativas – os valores de ‘Reconhecer’ e ‘Considerar’.

Reconhecer

A categoria ‘Reconhecer’ envolve a atribuição através de estruturas ‘neutras’ utilizadas simplesmente para relatar as palavras e pontos de vista de vozes externas – pelo, por exemplo, de verbos de relato como ‘dizer’, ‘relatar’, ‘declarar’, e

³ Devo enfatizar que não estou propondo que um verbo como ‘alegar’ necessariamente tenha essa função em todos os casos. O potencial retórico de formulações desse tipo pode variar sistematicamente em diferentes registros, gêneros e domínios discursivos.

expressões como ‘de acordo com’, ‘em seu ponto de vista’. Assim como no caso das outras formas de atribuição (Distanciar, Endossar), essas formulações são obviamente dialógicas na medida em que introduzem uma voz alternativa no texto. E, mais uma vez, elas também são dialógicas porque, ao ligarem explicitamente a proposição a um sujeito específico, elas a representam como individual e incidental, como apenas uma em um gama de proposições possíveis. Nesse sentido, as alternativas para a proposição em questão são reconhecidas, e o contexto heteroglóssico na qual o texto opera é assim revelado.

Considerar

As formulações que ‘consideram’ de forma ativa as alternativas dialógicas incluem,

- formulações evidenciais e dedutivas, como *parece que, aparentemente, as evidências sugerem*, etc.
- formas que apresentam a proposição/proposta como mais ou menos provável, incluindo os marcadores modais de probabilidade, assim como certos usos ‘retóricos’ de perguntas.

Nesses contextos, a proposição é ancorada na subjetividade da voz textual, uma vez que essa voz apresenta avaliações da probabilidade ou da base evidencial da proposição. Assim ancorada, a proposição é apresentada como incidental e associada a um ponto de vista individual, e como apenas uma dentre um número de posições alternativas possíveis. Dessa forma, as alternativas são consideradas ou reconhecidas, e seu espaço dialógico é conseqüentemente expandido.

5.2 Outros recursos de contração dialógica

Afirmar

Segundo a abordagem da valoração, as ‘Afirmações’ são formulações que envolvem certos tipos de intensificação, ênfase autoral, ou intervenções ou interpelações autorais explícitas. Por exemplo: *Eu afirmo...*, *Os fatos em questão são...*, *A verdade em questão é...*, *Só podemos concluir que...*, *Você deve concordar que...*, intensificadores com escopo oracional como *de fato, na verdade*, etc., e, na fala, a tonicidade empregada de forma apropriada (e.g. ‘O nível de tolerância É resultado da intervenção do governo.’).

Por exemplo, a oração ‘Está absolutamente claro para mim’ no seguinte excerto desempenha essa função,

Está absolutamente claro para mim que o que Charlotte estava querendo dizer era que *O Tigre e o Dragão* era um filme ruim ao qual o público liberal atribuiu uma significância gerada por seus próprios preconceitos sobre o cinema chinês e sobre os chineses em geral.

Essas intensificações e interpelações são motivadas pelo dialogismo. A voz textual não indica seu maior engajamento pessoal com a proposição num vácuo comunicativo. Pelo contrário, esse engajamento é construído se contrapondo a alguma alternativa dialógica oposta – no exemplo acima, contra uma visão oposta do que ‘Charlotte’ estava querendo dizer. Assim, esse tipo de formulação é dialógico na medida em que reconhece uma alternativa, ao mesmo tempo em que tenta desafiá-la ou descartá-la. Ele causa uma contração dialógica ao confrontar e descartar a posição contrária.

Concordar

A opção ‘Concordar’ envolve expressões como *é claro, naturalmente e obviamente*. Essas formulações são similares aos ‘Pronunciamentos’ na medida em que também permitem que a voz textual transmita explicitamente seu engajamento com o ponto de vista defendido, e assim confronte ou descarte possíveis alternativas. Entretanto, elas diferem dos Pronunciamentos na medida em que representam a proposição/proposta como pacífica dentro da comunidade de fala em questão, como algo ‘dado’, como estando de acordo com aquilo que todos sabem ou esperam. A voz textual é representada como defensora de um ponto de vista compartilhado pelo público em geral, e assim também pelo leitor/ouvinte. Considere, como exemplo, o uso de ‘é claro’ no excerto abaixo.

Quando, tarde demais, seus organizadores escolheram Paul Adams, que certamente teria garantido a vitória na segunda partida em Johannesburg, o ataque deles se tornou ‘muito bom’ na opinião de Trevor Bailey, que tem bastante experiência. Bailey, é claro, era uma raridade, um jogador de críquete que, em seu auge, atingiu nível internacional tanto com o bastão quanto com a bola. (do corpus de OzNews do Bank of English)

Aqui o escritor se representa como simplesmente concordando com o leitor, como simplesmente relatando uma opinião (de que Bailey era uma raridade no cenário do críquete) que já é compartilhada por seu parceiro dialógico, e pelo público em geral. A localização da proposição em questão dentro de uma troca dialógica é, assim, empregada para aumentar o custo de qualquer tentativa subsequente de desafiá-la ou rejeitá-la.

Refutar (negar e contrariar)

A opção final de contração dialógica é produzida pelos significados que invocam algum enunciado anterior, ou alguma posição alternativa, para então diretamente rejeitá-la, substituí-la, ou apresentá-la como insustentável. É óbvio que negar ou rejeitar uma posição representa o máximo em termos de contração uma vez que, embora a posição alternativa esteja sendo reconhecida, ela é apresentada como inaplicável – o que significa que ela é confrontada de forma direta. Esse é o campo da negação e da concessão/contra-expectativa. O termo ‘Refutar’ é usado para referir-se a formulações que operam dessa forma, apresentando dois sub-tipos.

1) Refutar: negar (negação)

A partir da perspectiva dialógica da abordagem da valoração, a negação é um recurso utilizado para introduzir uma posição alternativa positiva no diálogo, reconhecê-la e engajar-se com ela, para então rejeitá-la. Dessa forma, em termos interpessoais/dialógicos, o negativo não é simplesmente o oposto lógico do positivo, uma vez que o negativo carrega em si o positivo, enquanto que o positivo não engloba, de forma recíproca, o negativo. Esse aspecto do negativo, embora se contraponha ao senso comum, já foi bastante discutido na literatura – veja, por exemplo, Leech 1983, p. 101; Pagano 1994; ou Fairclough 1992, p. 121. Veja, por exemplo, o seguinte excerto de um anúncio publicado em várias revistas pela British Heart Foundation (Fundação Britânica do Coração).

Todos nós gostamos de algo substancioso. Mas às vezes nós abusamos de algumas coisas boas. E uma pessoa cuja dieta consiste em cheeseburgers duplos e batatas-fritas pode terminar parecendo um balde de banha. Não há nada de errado com carne, pão e batatas. Mas que tal carne magra, pão integral e batatas assadas?

Aqui a negação ‘Não há nada de errado com carne, pão e batatas’ é claramente dialógica uma vez que invoca, e se apresenta como uma resposta a alegações/crenças de que ‘HÁ algo de errado com carne, pão e batatas’. Assim, ocorre um engajamento dialógico com uma posição anterior e alternativa.

2) Refutar: contrariar

Relacionadas a essas formulações negativas, temos aquelas que representam a proposição corrente como substituindo e suplantando uma proposição que esperaríamos encontrar em seu lugar. Considere, por exemplo,

Eles [Kevin e Ian Maxwell, filhos de Robert Maxwell] têm muito a provar nos próximos anos. A partir de agora eles tentarão não só construir suas próprias fortunas, mas também limpar o nome de seu pai. Os dois cresceram vendo o pai como o eterno outsider, um homem que lutou contra os preconceitos do Establishment e da burocracia mesquinha para chegar aonde chegou. Certo, ele desrespeitou regras. Sim, ele era liso e escorregadio. É sabido que ele se comportava mal. Mas veja o que ele conquistou. Do nada, ele se tornou um empresário multinacional com um império que se estendia pelo mundo, o confidente de estadistas, e tão famoso quanto eles. (Do corpus UKMags do Bank of English)

O excerto acima (do jornal *The Times*) trata do famoso empresário britânico, magnata da imprensa e ex-parlamentar trabalhista, Robert Maxwell (já falecido), e de seus dois filhos, Kevin e Ian. No texto, o autor procura explicar, até mesmo justificar, porque os dois filhos talvez tenham continuado a ver o pai sob uma luz favorável, apesar da forma negativa com que Maxwell passou a ser visto em termos gerais. (Depois de sua morte, descobriu-se que Maxwell havia secretamente desviado milhões de dólares de duas de suas empresas e de fundos de pensões de empregados, na tentativa de impedir a quebra de seu império). Para os nossos fins analíticos, estamos interessados na parte final do texto, o enunciado que se segue ao ‘Mas’ – ‘Mas veja o que ele conquistou. Do nada, ele se tornou um empresário multinacional. . .’ Aqui, a voz textual se opõe ao que é representado como uma opinião negativa geral sobre Maxwell. Através da formulação, a opinião negativa é apresentada como inaplicável, pelo menos no que diz respeito aos filhos de Maxwell. Assim, através de uma interação dialógica, uma certa posição é reconhecida, e em seguida rejeitada.

6 RECURSOS DE ENGAJAMENTO – RESUMO

As seguintes tabelas fornecem uma panorâmica dos recursos de Engajamento.

Contração dialógica:

Refutar:

* Negar: e.g. *É uma crítica que não considera os sentimentos da comunidade chinesa.*

* Contrapor: e.g. *O que é surpreendente é encontrar uma opinião tão ofensiva no the Guardian.*

Declarar:

* Concordar: e.g. *O Primeiro-Ministro, é claro, quer que nós o vejamos como um bom anti-racista.*

* Afirmar: e.g. *Está absolutamente claro para mim que o que Charlotte estava querendo dizer era que O Tigre e o Dragão era um filme ruim.*

* Endossar: *O trabalho do Dr Ruffman mostrou que os pais ou cuidadores que conversam com seus filhos sobre estados mentais – pensamentos, crenças, desejos e sentimentos – acabam criando crianças que conseguem saber, mais cedo do que outras, o que os outros estão pensando.*

Expansão dialógica:

Supor: e.g. *Talvez o fato mais revelador da crítica de Charlotte Raven sobre O Tigre e o Dragão não esteja na crítica em si, mas no preâmbulo de uma linha que se encontra no site do the Guardian.*

Atribuir

* Atribuir/Reconhecer: e.g. *O preâmbulo declara: “uma grande chatice, um drama engessado: Charlotte Raven ousa discordar da aclamação unânime recebida pelo filme O Tigre e o Dragão, de Ang Lee”.*

* Atribuir/Distanciar: e.g. *e alguém até sugeriu que, ao usar a oração “parecia conter multidões” para descrever a performance do elenco, Charlotte estava fazendo alusão a imagens ocidentais das “massas chinesas”.*

7 CONCLUSÃO

Em resumo, esse é um esboço do modelo proposto pela abordagem da valoração de alguns dos recursos-chave da avaliação e da perspectiva. Em sua taxonomia dos valores da Atitude, o modelo fornece uma descrição das opções disponíveis para construirmos diferentes tipos de avaliações positivas e negativas. Em sua noção de Atitude direta versus Atitude implícita, o modelo descreve as opções disponíveis para ativarmos essas avaliações. Através de sua descrição dos recursos de Engajamento, o modelo oferece uma abordagem que permite explorar as formas como a voz textual se posiciona em relação a essas avaliações, numa abordagem que permite caracterizar as diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis para a voz textual.

Não é possível nem apropriado, dentro do presente contexto, ir além desse esboço descritivo, e tentar demonstrar aplicações do modelo a questões textuais analíticas. (Para ver esse tipo de demonstração, confira, por exemplo, CHRISTIE e MARTIN, 1997; MACKEN-HORARIK e MARTIN, 2003; WHITE, 2002; ou MARTIN e WHITE, no prelo). Como forma de conclusão, entretanto, talvez seja interessante notar que as aplicações desenvolvidas até o momento voltaram-se para as seguintes questões:

- diferenças em perfis Atitudinais (diferentes padrões de ocorrência de subtipos Atitudinais) através dos quais textos individuais, ou grupos de textos (por exemplo, os que representam determinado registro ou gênero), podem ser contrastados,
- padrões intratextuais de ocorrência de valores Atitudinais que permitem a identificação de estágios funcionais,
- associações entre certos atores sociais e tipos particulares de avaliação Atitudinal,
- o papel da Atitude na criação da despersonalização estratégica nos textos,
- a associação de padrões particulares de recursos dialógicos com efeitos retóricos, tais como a construção de personas autorais, ou a criação de um público 'preferencial',
- padrões de integração entre Atitude e Engajamento que revelam as pressuposições ideológicas presentes no texto.

Devo enfatizar que a abordagem descrita aqui é resultado de um projeto de pesquisa em andamento, e é quase certo que sofrerá mudanças nos anos futuros. Ao tentar desenvolver princípios semióticos para classificar os efeitos avaliativos associados aos textos, aqueles que trabalham com a valoração precisaram procurar novas formas de identificar e criar categorias lingüísticas, e novas maneiras de explicar os efeitos comunicativos e retóricos. Precisamos de mais trabalhos que nos permitam aprimorar esses princípios taxonômicos, e fortalecer essas linhas de argumentação lingüística.

REFERÊNCIAS

- CALDAS-COULTHARD, C.R. On reporting reporting: the representation of speech in factual and factional narratives. In: COULTHARD, M. (Ed.). **Advances in written text analysis**. London; New York: Routledge, 1994. p. 295-309.
- CHAFE, W. L.; NICHOLS, J. (Eds). **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, N. J.: Ablex, 1986.
- CHANNELL, J. **Vague language**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Eds). **Genres and institutions: social processes in the workplace and school**. London: Cassell, 1997.
- COFFIN, C. Constructing and giving value to the past: an investigation into second school history. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Eds). **Genre and institutions - social processes in the workplace and school**. London: Cassell, 1997.
- CRISMORE, A. **Talking with readers: metadiscourse as rhetorical act** (American University Studies Series XIV : Education). Peter Lang Publishing, 1989.
- EGGINS, S.; SLADE, D. **Analysing casual conversation**. London: Cassell, 1997.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge, UK: Polity Press, 1992.
- FULLER, G. Cultivating science: negotiating discourse in the popular texts of Stephen Jay Gould. In: MARTIN, J.R.; VEEL, R. (Eds). **Reading science - critical and functional perspectives on discourses of science**. London: Routledge, 1998.
- GRUBER, H. Evaluation devices in newspaper reports. **Journal of Pragmatics**, n. 19, 1993.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HUNSTON, S. Evaluation and the planes of discourse: status and value in persuasive texts. In: _____; THOMPSON, G. (Eds.). **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 176-206.

_____; SINCLAIR, J. A local grammar of evaluation. In: _____; THOMPSON, G. (Eds.). **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 75-100.

HYLAND, K. Writing without conviction: hedging in science research articles. **Applied Linguistics**, v. 17, n. 4, p. 433-54, 1996.

IEDEMA, R.; FEEZ, S; WHITE, P. R. R. **Media literacy**. Sydney: Disadvantaged Schools Program, NSW, Department of School Education, 1994.

KÖRNER, H. Unpublished PhD Thesis. University of Sydney, 2001.

LABOV, W. Intensity. In: SCHIFFRIN, D. (Ed.). **Meaning, form and use in context: linguistic applications**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1984.

LEECH, G. **The principles of pragmatics**. London; New York: Longman, 1983.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge, UK.: Cambridge University Press, 1977.

MACKEN-HORARIK, M.; MARTIN, J. R. **Text**, v. 23, n. 3: Special Edition on Appraisal, 2003.

MALRIEU, J.P. **Evaluative semantics - cognition, language and ideology**. London; New York: Routledge, 1999.

MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (Eds.). **Hedging and discourse: approaches to the analysis of a pragmatic phenomenon in academic texts**. The Hague: Walter De Gruyter & Co, 1997.

MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Eds.). **Genres and institutions: social processes in the workplace and school**. London: Cassell, 1997. p. 3-39.

_____. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-75.

_____; PLUM, G. A. Construing experience: some story genres. **Journal of Narrative and Life History**, 1997.

_____; WHITE, P. R. R. **The language of appraisal: evaluation in English**. London; New York: Palgrave. (no prelo)

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences, 1995.

MEYER, P. G. Hedging strategies in written academic discourse: strengthening the argument by weakening the claim. In: MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (Eds.). **Hedging and discourse** - approaches to the analysis of a pragmatic phenomenon in academic texts. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1997. p. 21-42.

MYERS, G. The pragmatics of politeness in scientific articles. **Applied Linguistics**, v. 10, p. 1-35, 1989.

PAGANO, A. Negatives in written text. In: COULTHARD, M. (Ed.). **Advances in written text analysis**. London: Routledge, 1994. p. 250-65.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986.

PLUM, G. Textual and contextual conditioning in spoken English: a genre-based approach. PhD Thesis. Department of Linguistics, University of Sydney, Sydney, 1988.

ROTHERY, J.; STENGLIN, M. Interpreting literature: the role of appraisal. In: UNSWORTH, L. (Ed.). **Researching language in schools and functional linguistic perspectives**. London: Cassell, 2000.

_____; _____. Entertaining and instructing: exploring experience through story. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J.R. (Eds.). **Genre and institutions** - social processes in the workplace and school. London: Cassell, 1997.

VOLOSHINOV, V.N. **Marxism and the philosophy of language, bakhtinian thought** - an introductory reader. Trans. by S. Dentith, L. Matejka and I. R. Titunik. London: Routledge, 1995.

WHITE, P. R. R. Dialogue and inter-subjectivity: reinterpreting the semantics of modality and hedging. In: COULTHARD, M.; COTTERILL, J.; ROCK, F. (Eds.). **Working with dialog**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2000. p. 67-80.

_____. (author/developer). **'The Appraisal Website'**. (www.grammatics.com/appraisal/), 2002.

_____. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. **Text**, v. 23, n. 3: Special Edition on Appraisal, p. 259-284, 2003.

(Artigo traduzido – sem data de tramitação)

Title: Appraisal – the language of evaluation and stance

Author: Peter White

Abstract: This article presents, in outline, the model provided by the appraisal framework of some of the key resources of evaluation and stance. In its taxonomy of values of Attitude it provides an

account of the option available for construing different types of positive or negative assessment. In its notion of direct versus implied Attitude, it provides an account of the options available for activating these assessments. By its account of the resources of Engagement, it offers a framework for exploring how the textual voice positions itself with respect to such assessments, a framework for characterising the different intersubjective stances available to the textual voice. It must be stressed that the framework set out in this article is the product of a continuing research project and is almost certain to undergo some changes in future years.

Keywords: appraisal; evaluation; attitude; judgment; engagement.

Titre: Valoration – le langage de l'évaluation et de la perspective

Auteur: Peter White

Résumé: Cet article présente une ébauche du modèle proposé par l'abordage de la valoration de quelques recours clés de l'évaluation et de la perspective. Dans sa taxonomie des valeurs de l'Attitude, le modèle fournit une description des options disponibles pour qu'on puisse construire de différents types d'évaluations positives et négatives. Dans sa notion d'Attitude directe versus Attitude implicite, le modèle décrit les options disponibles pour qu'on puisse mettre en œuvre ces évaluations. À travers la description des recours de l'Engagement, le modèle offre un abordage qui permet d'exploiter les formes selon lesquelles la voix textuelle se place par rapport à ces évaluations, dans un abordage qui permet de caractériser les différentes perspectives intersubjectives disponibles pour la voix textuelle. Je dois accentuer que l'abordage décrit dans cet article est le résultat d'un projet de recherche qui est en cours, et, encore, je dois avouer qu'il est presque certain qu'il sera soumis à des changements dans les années à venir.

Mots-clés: valoration; évaluation; attitude; jugement; engagement.

Título: Valoración – el lenguaje de la evaluación y de la perspectiva

Autor: Peter White

Resumen: Este artículo da a conocer un esbozo de modelo propuesto por el abordaje de la valoración de algunos de los recursos-clave de la evaluación y de la perspectiva. En su taxonomía de los valores de la Actitud, el modelo proporciona una descripción de las opciones disponibles para que podamos construir diferentes tipos de evaluaciones positivas y negativas. En su noción de Actitud directa versus Actitud implícita, el modelo describe las opciones disponibles para la puesta en práctica de esas evaluaciones. A través de su descripción de los recursos de Comprometimiento, el modelo ofrece un abordaje que permite examinar atentamente las formas de posicionarse la voz textual con relación a esas evaluaciones, un abordaje que permite caracterizar las diferentes perspectivas intersubjetivas disponibles para la voz textual. Debo enfatizar que el abordaje descrito en este artículo resulta de un proyecto de investigación que se encuentra en marcha, el cual, seguramente, sufrirá cambios en los años venideros.

Palabras-clave: valoración; evaluación; actitud; juicio; comprometimiento.